

RESUMO

Este artigo tenta assinalar, na poesia do escritor uruguaio Mario Benedetti, como literatura, história e memória estão entrelaçadas em sua escrita alegórica de fatos sociais e políticos acontecidos no Uruguai durante o período de ditadura (1973-1985).

Palavras-chaves: Literatura; História; Memória; Walter Benjamin; Mario Benedetti.

El olvido está lleno de memoria.

(Poema “¿Cosecha de la nada?” de Mario Benedetti)

*Canta, poeta, canta!/Violenta contra o silêncio
conformado./ Cega com outra luz a luz do dia./
Desassossega o mundo sossegado./Ensina a cada
alma a sua rebeldia.*

(Poema “Voz Activa” de Miguel Torga)

1. O POETA PORTA-VOZ

É inegável que toda produção humana, incluindo a artística, está inserida em um momento histórico de uma determinada sociedade. E com a literatura isso não poderia ser diferente. Nela, ficção e realidade se misturam e se confundem. A gênese do texto literário depende da habilidade de criação e invenção do seu autor, que buscará no imenso acervo, acumulado por suas experiências e vivências, o material que por meio da palavra será convertido em literatura. Daí se pode dizer que por mais ficcional que seja um texto, ele sempre, na sua origem, parte de elementos da realidade do autor, um sujeito histórico que possui uma biografia.

Leyla Perrone-Moisés diz que “a literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.102), talvez por colocar em palavras o que se pensava ser indizível.

Para o bem e para o mal, a literatura “des-vela” o mundo. Ora completa, harmonizando as lacunas do real e compensa o que falta para tornar a realidade satisfatória. Ora expõe cruamente, dolorosamente, as terríveis fissuras da realidade.

* Pós-graduada em Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará

Afirma Leyla Perrone-Moisés que “na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são, faltantes, ou como deveriam ser, completas. Trágica ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.104). A literatura sempre poderá nos dizer o que poderia ser, o que está oculto e o que foi silenciado e revelar uma outra história, diferente da versão oficial. Este é, pois, o ângulo da literatura que nos interessa neste artigo.

Esse aspecto da Literatura como meio de revelação daquilo que está encoberto vai ao encontro do pensamento de Walter Benjamin expresso nas teses “Sobre o conceito de história”, trabalho datado de 1940. Na tese 2, Benjamin diz que “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção” (BENJAMIN, 1993, p.223). Conhecemos pouco o passado, apenas o que a história oficial nos aponta e, na visão benjaminiana, o outro lado da história clama por ser conhecido. A história oficial, com a sua versão pronta e acabada se equipara à infelicidade. Libertar (salvar) o passado - imagem da felicidade - é trazer à luz a versão dos oprimidos, dos excluídos, é dar voz aos vencidos.

Na tese 7, Walter Benjamin diz que o investigador historicista estabelece uma relação empática com o vencedor. Isto quer dizer que a história oficial será aquela ditada pela classe dominante. Do embate entre vencedores e vencidos, restam os despojos que são os bens culturais. Os que vencem o conflito impõem não só o seu discurso como a sua cultura. Por isso, esse processo é sempre um retrato da barbárie (da guerra, da opressão de uma classe sobre outra, do caos, da catástrofe). A cultura da classe dominante assenta seus alicerces sobre a cultura dos vencidos que é soterrada, não há como não pensar que esse abafamento ocorre à custa de violência, destruição e deformação, as quais, por sua vez, são traços da barbárie.

Assim, para Benjamin, a história oficial é sempre reducionista e parcial. É uma história narrada sob um determinado viés, o daqueles que estão no poder. É uma história que perpetua o discurso dos vencedores. Daí o apelo benjaminiano para “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1993, p.225), anulando os efeitos da narrativa histórica dos grupos dominantes e afastando a catástrofe que seria o esquecimento, a amnésia, “pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela” (BENJAMIN, 1993, p. 224).

Nesse processo de desnudamento do discurso histórico oficial, e contra o “esquecimento” desejado pelos opressores, a memória é um instrumento valioso na revelação da “facies hippocratica” da história. O poeta, assim como o historiador marxista é o sujeito que não “estabelece uma relação empática com o vencedor” (BENJAMIN, 1993, p.225) e não participa do “cortejo triunfal” em que são carregados os despojos que chamamos “bens culturais”. Ele é o *flâneur* que tudo observa e expõe na sua poesia as ruínas e os testemunhos de barbárie perpetrados pela classe dominante.

Se ao lado da história e memórias oficiais existe também uma história e memória secundárias, forjadas na contramão do discurso hegemônico, o poeta, como o historiador, é aquele que também narra os acontecimentos. Nessa narração, “memória” e “esquecimento” se alternam e se combinam, são faces da mesma moeda.

O poeta, ao narrar a sua experiência dos fatos sociais e históricos por meio de sua poesia, não envereda pela autobiografia ou pela historiografia, antes resgata o discurso oculto dos oprimidos e equipara-se ao cronista da Tese 3 que

narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos (...)" (BENJAMIN, 1993, p. 223).

O papel do poeta é, portanto, revelar por meio da alegoria da escrita poética a "facies hippocratica"¹ da história como paisagem original cristalizada (BENJAMIN, 1984, p.188). Será então por meio da escrita – espaço privilegiado da alegoria – que o historiador retirará a máscara mortuária do passado, expondo o discurso opressor da classe dominante. O poeta, assim como historiador e o trapeiro, recolhe das ruínas e do lixo da sociedade a matéria do seu trabalho:

Trapeiro ou poeta – a escória diz respeito a ambos; solitários, ambos realizam o seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono; a atitude, a própria tarefa são idênticas nos dois. Nadar fala do andar abrupto de Baudelaire; é o passo do poeta que erra pela cidade, à cata de rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no caminho para recolher o lixo em que tropeça (BENJAMIN, 1989, p.78).

2. O POEMA: ONDE LITERATURA E HISTÓRIA SE ENCONTRAM

É, portanto, como alguém que não pactua com a homogeneidade do discurso pasteurizado dos vencedores que entendemos o compromisso social e político do poeta Mario Benedetti (1920-2009), cuja produção poética é um testemunho dessa postura ativa e crítica.

No momento do golpe militar, 26/06/1973, Mario Benedetti exercia o cargo de diretor do Departamento de Ciências de Universidad de la República, no Uruguai, ao qual renunciou quando foi aconselhado a deixar o Uruguai em razão de seu posicionamento político contra o regime.

Nos anos difíceis da ditadura, diante dos cerceamentos que esse tipo de regime impõe, os escritos de Mario Benedetti não eram vistos com bons olhos pelo poder instalado. A posição do autor sempre foi muito transparente, era um militante de esquerda, simpatizante de Fidel Castro, que apoiava os que estavam na luta contra os regimes ditatoriais de direita. Seus questionamentos metaforizados na poesia, ou mesmo aqueles que continham um enfrentamento mais direto e contundente, motivaram a perseguição que

¹ Face hipocrática, expressão particular do rosto dos moribundos, descrita com exatidão por Hipócrates. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/hipocratico/>> Acesso em: 20 ago.2009. É a perda da energia vital que se verifica em doentes terminais.

sofreu e que culminou com o seu exílio de 12 anos, distribuídos em passagens por Buenos Aires, Lima, Havana, Palma de Mallorca e Madri.

Os poemas analisados neste artigo compreendem a fase do exílio e do “desexílio, isto é, o retorno ao Uruguai – momento de reencontrar família e amigos, de assimilar as modificações que o país sofreu, de confrontar a realidade com as lembranças recuperadas pela memória. Essas experiências marcaram-no profundamente e, como era de se esperar, também se refletiram na sua produção literária.

Ao mergulharmos na obra de Mário Benedetti, observamos que os temas são extraídos das vivências e experiências do poeta. Sua obra aborda temas que vão desde a rotina massacrante de um trabalho burocrático entre as quatro paredes de um escritório, que o poeta tão bem conhecia, pois, trabalhou como escriturário e taquígrafo:

ÁNGELUS

(...)

Es raro que uno tenga tiempo de verse triste:
siempre suena una orden, un teléfono, un timbre,
y, claro, está prohibido llorar sobre los libros
porque no queda bien que la tinta se corra.

(BENEDETTI, 2008, p. 50)

às incertezas do exílio, às preocupações com a recepção da “pátria interina”, a que lhe dará abrigo e o protegerá das perseguições políticas de seu país de origem. Como seria ser um estrangeiro em outra pátria?

LA CASA Y EL LADRILLO

(...)

cómo saber que las ciudades reservaban
una cuota de su amor más austero
para los que llegábamos
con el odio pisándonos la huella
cómo saber que nos harían sitio
entre sus escaseces más henchidas

(...)

(BENEDETTI, 2000, p.09)

à inconformação diante da corrupção, do suborno, das torturas e assassinatos, e dos efeitos das ações do regime militar na vida das pessoas e das instituições:

HOMBRE QUE MIRA A OTRO HOMBRE QUE MIRA

Vos también estás asombrado
no querés admitir la salvación por el infierno
o acaso no podés creer que haya
cualesquiera hijos de vecino
que metan la vida prójima en el cepo

que un tipo pueda respirar
y buscar el amor

Assim o poeta, em tom elegíaco, registra o seu pesar:

(...)
ahora acribillaron en recife
tus veintisiete años
de amor templado y pena clandestina

quizá nunca se sepa cómo ni por qué

los cables dicen que te resististe
y no habrá más remedio que crearlo
porque lo cierto es que te resistías
con sólo colocárteles en frente
sólo mirarlos
sólo sonreír
sólo cantar cielitos cara al cielo
(...)

Esse episódio entrou para a história oficial como “o massacre da chácara São Bento” que a versão oficial da ditadura disse ter sido um confronto armado entre seis “terroristas”, integrantes do grupo guerrilheiro Vanguarda Popular Revolucionária (VPR,) e a equipe de Fleury. Entretanto, há também a versão de que se tratou de um extermínio calculado, uma cena montada. Existiriam testemunhos de que Soledad Barret Viedma e a tcheca Pauline Reichstul foram sequestradas em plena rua, no Recife, e os demais companheiros igualmente teriam sido retirados de suas residências ou trabalho.

Nos versos « ahora acribillaron en recife/ tus veintisiete años/ de amor templado y pena clandestina/ quizá nunca se sepa cómo ni por qué/ los cables dicen que te resististe/ y no habrá más remedio que crearlo (...)», percebe-se que, embora a versão oficial não pudesse ser contestada, o poeta não deixa de registrar sua impotência e descrença no discurso daqueles que estão no poder, apesar da palavra confiscada:

LA CASA Y EL LADRILLO

*Me parezco al que llevaba el ladrillo consigo
para mostrar al mundo cómo era su casa.
(Bertolt Brecht)*

Cuando me confiscaron la palabra
y me quitaron hasta el horizonte
cuando salí silvando despacito
y hasta hice bromas con el funcionario
de emigración o desintegración
(...)
(BENEDETTI, 2000, p.09)

O poema “Muerte de Soledad Barrett” também faz referência ao episódio que ela viveu no Uruguai durante a sua adolescência, quando era uma dirigente estudantil, no qual um grupo de neonazistas a raptou, ameaçou-a de morte e tentou obrigá-la a repetir seus gritos de guerra (viva Hitler/abaixo Fidel). Ela se recusou e eles a feriram com navalha, gravando na sua pele a cruz gamada dos nazistas:

(...)

hace diez años tu adolescencia fue noticia
te tajearon los muslos porque no quisiste
gritar viva hitler ni abajo fidel

eran otros tiempos y otros escuadrones
pero aquellos tatuajes llenaron de asombro
a cierto uruguay que vivía en la luna

Observamos que o poeta, mesmo afastado de seu país, continua a produzir muito e não calou a voz diante dos desmandos daqueles que detinham o poder. A produção literária dessa fase mescla personagens e temas relacionados com a vida do autor, envolvem situações vivenciadas pelo cidadão montevideano que permaneceu no país ou que, como Mario Benedetti, teve que partir para o exílio.

Os 166 versos do poema “Zelmar” (BENEDETTI, 2000, p.48) são uma homenagem a Zelmar Michelini, político e jornalista uruguaio, e um dos fundadores da coalizão Frente Amplio, o grande partido de esquerda atualmente no Uruguai. Zelmar estava exilado em Buenos Aires, onde exercia a atividade de jornalista no “La Opinion” e ocupava, junto com dois de seus filhos, um quarto de hotel na Avenida Corrientes nº 600, de onde foi sequestrado na madrugada de 18/05/76 e apareceu assassinado dois dias depois, 21/05/1976, em uma avenida da Capital.

Esse crime foi cometido dentro da chamada “Operação Condor”² uma espécie de acordo entre os regimes militares da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai para compartilharem informações de inteligência sobre possíveis opositoristas das ditaduras. Os documentos dizem que esta operação foi criada no final de 1975, pela polícia secreta do General Augusto Pinochet (Chile), e foi responsável por milhares de prisões e assassinatos durante o regime militar. Os documentos também revelam que houve apoio de agentes dos EUA na montagem da operação.

Assim Mario Benedetti presta sua homenagem a Zelmar Michelini, chamando-o no primeiro verso de “flaco”, como era conhecido pelos amigos, deixando que a emoção lhe tome a pena e a memória se encarregue de desenhar o homem, o cidadão e o político Zelmar. O poema é um lamento, um reconhecimento e uma homenagem a um homem justo, forte no caráter – “flaco” apenas no apelido – e íntegro nas suas convicções. Um lutador que, mesmo ameaçado de morte pelos opressores, não se calou diante das atrocidades e arbitrariedades dos que estavam no poder. O poeta, como o historiador da Tese 6, está “convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1993, p.225):

:

o es que existe un territorio
donde las sangres se mezclan
(de una canción de Daniel Viglietti)

² Plano Condor. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica>> Acesso em: 29 set.2009.

Ya van días y noche que pienso pobre flaco
y no puedo ni quiero apartar el recuerdo

no el subido al cajón a la tribuna
con su palabra de espiral velocísima
que blindaba los pregones del pueblo
o encendía el futuro con unas pocas brasas
(...)

solo un imagen lo vencía
era la hija inerme
la hija en la tortura
durante quince insomnios la engañaron diciendole
que lo habían borrado en la Argentina
era un viejo proyecto por lo visto
entonces si pedía ayuda para
no caer en la desesperación
para no maldecir mas de la cuenta
(...)
pocos podran como él
caer tan generosamente
tan atrozmente ingenuos
tan limpiamente osados
(...)
mayo 1976.

O poeta sente na pele esse momento de opressão e angústia que se abateu sobre vários países do Cone Sul e, detalhadamente, narra a “via crucis” de um exilado que não encontra um pouso seguro, a começar pelo título do poema “Otra noción de patria” que já remete a um outro país que não é o de origem:

(...)
sucede que ya es el tercer año
que voy de gente en pueblo
de aeropuerto en frontera
de solidaridad en solidaridad
de cerca en lejos
de apartado en casilla
de hotelito en pensión
de apartamentito casi camarote
a otro con teléfono y water-comedor
(...)
(BENEDETTI, 2000, p. 21)

Ainda no poema OTRA NOCIÓN DE PATRIA, o poeta diz que mesmo apesar da tristeza, da revolta, dos olhares xenófobos, das incertezas e das dúvidas que fazem parte da condição de exilados : “...sin embargo somos privilegiados”, pois, gozam de liberdade, ao contrário daqueles que não puderam ou não quiseram ou não conseguiram fugir da repressão militar e acabaram presos e torturados:

(...)
y sin embargo somos privilegiados
(...)

qué pensarán los que se encaminan
a la máquina buitre a la tortura hiena
qué quedará a los que jadean de impotencia
qué a los que salieron semimuertos
e ignoran cuándo volverán al cepo
qué rendija de orgullo
qué gramo de vida
ciegos en su capucha
mudos de soledad
inermes en la espera
(...)

Em todos os regimes autoritários, quem detém o poder não deseja ver escancarados os seus atos de arbitrariedade, ilegalidade e ilegitimidade. Reprime com violência e força aqueles se opõe e levantam a voz questionando os atos e a ideologia do poder instalado, buscando construir uma identidade nacional que legitime suas ações. Apagam memórias, registros, inventam causas e explicações para legitimarem atos abusivos. Contam com o esquecimento para lhes garantir a impunidade e construir uma história que lhes favoreça. Nas ditaduras, os dominadores literalmente “espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”(BENJAMIN, 1993, p.225).

Os relatos das barbáries praticadas pelas ditaduras na América Latina estão presentes na literatura produzida naquele continente nos últimos trinta anos. Esses textos trazem o testemunho daqueles que viveram aquele momento de barbárie e ajudam a completar os espaços em branco com as narrativas que a história oficial ocultou, escovando a “história a contrapelo” (BENJAMIN, 1993, p.225).

O poeta exilado esclarece que nem sempre amanhece com os punhos cerrados, há dias em que a tristeza o invade e se dá conta que tem de escavar fundo o passado e o futuro “y buscar otra vez la verdad” e apoderar-se dela. Somente assim o passado poderá ser libertado, confirmando o pensamento benjaminiano de que “somente a humanidade redimida poderá apropriar-se inteiramente do seu passado” (BENJAMIN, 1993, p. 223) e o inimigo será impedido de vencer.

É importante lembrar que a palavra “alethéia” (verdade, em grego) é formada de 'a' (partícula de negação) + 'lethe' (esquecimento), isto é, a palavra “verdade” significa “ não-esquecimento”. Esse movimento de recuperar a verdade, o poeta o faz de um topos marginal e não autorizado, que exige a rememoração das experiências vividas e por isso é um processo doloroso, mas fundamental para a cicatrização das feridas. Nesse momento “memória” e “esquecimento” (negação da memória) travam uma luta árdua para reconstruir o que foi soterrado e reprimido. Para o poeta rememorar o acontecimento é uma forma de saldar a enorme dívida para com aqueles que valentemente enfrentaram torturas terríveis:

(...)
no sé qué les debemos
pero eso que no sé
sé que es muchísimo

esto es una derrota
hay cine decirlo

vamos a no mentirnos nunca más
a no inventar triunfos de cartón
si quiero rescatarme
si quiero iluminar esta tristeza
si quiero no doblarme de rencor
ni pudrirme de resentimiento
tengo que excavar hondo
hasta mis huesos
tengo que excavar hondo en el pasado
y hallar por fin la verdad maltrecha
con mis manos que ya no son las mismas

pero no sólo eso
tendré que excavar hondo en el futuro
y buscar otra vez la verdad
con mis manos que tendrán otras manos
(...)
(BENEDETTI, 2000, p. 21)

Para fazer emergir a verdade, o poeta usa o verbo “escavar” que possui o sentido de “tirar a terra de” e também o de “investigar”. Essa é uma tarefa indelegável, pois, tem ser feita com as próprias mãos. Esse processo o poeta compara-o com a busca do Velocino de Ouro, uma lenda grega sobre a pele do carneiro alado Crisómalo. O Velocino estava pendurado em uma árvore de um bosque sagrado – dedicado ao deus da guerra, Ares –, na Cólquida, sob a guarda de um dragão que nunca dormia. Recuperar a pele do carneiro exigiu muito empenho e determinação e foi o principal motivo da viagem dos Argonautas, pois, essa foi a condição imposta para que Jasão, comandante da expedição, assumisse o trono de Iolcos, na Tessália, que havia sido usurpado por seu tio, Pélias, meio-irmão de seu pai, Éson. O poder na pátria de origem do poeta também havia sido usurpado por um ditador.

A lã da pele sagrada era de ouro e possuía poderes mágicos de cura, além de conferir prosperidade e poder a quem a possuísse, mas o poeta intui que o velocino que ele terá que recuperar é feito apenas de lã e a cura para as feridas e a libertação das culpas não acontecerão por meio de propriedades mágicas, mas pela descoberta e assimilação da verdade mais simples:

(...)
habrá que rescatar el vellocino
que tal vez era sólo de lana
rescatar la verdad más sencilla
y una vez que la hayamos aprendido
y sea tan nuestra como
las articulaciones o los tímpanos
entonces basta basta basta
de autoflagelaciones y de culpas
todos tenemos nuestra rastra
claro
pero la autocrítica
no es una noria

no voy a anquilosarme en el reproche
y no voy a infamar a mis hermanos
(...)

(BENEDETTI, 2000, p. 21)

Por isso, o esquecimento não é uma opção, ele não faz justiça àqueles que lutaram, sofreram torturas, foram perseguidos ou pereceram em combate vítimas de torturadores e assassinos, apenas favorece os opressores na construção da versão oficial da história. Para o poeta, o esquecimento é uma forma de burlar a história, seu contraponto é a memória que recupera o que não pode ser esquecido:

El olvido no es Victoria
sobre el mal ni sobre nada
y sí es la forma velada
de burlarse de la historia
para eso está la memoria
que se abre de par en par
en busca de algún lugar
que devuelva lo perdido
no olvida el que finge el olvido
sino el que puede olvidar.³

Benjamin diz que “(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1993, p.37) e o poeta confirma:

(...)
el olvido está lleno de memoria
que a veces no caben las memoranzas
y hay que tirar rencores por la borda
en el fondo el olvido es un gran simulacro
nadie sabe ni puede / aunque quiera / olvidar
(...)

(BENEDETTI, 1998, p.13)

Mais adiante Benjamin completa: “ (...) o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN, 1993, p.37) e no poema “ *¿Cosecha de la nada?*” (BENEDETTI, 1998, p. 15), Mario Benedetti descreve a estampa desse tecido:

(...)
en el olvido encallan buenas y malas sombras
huesos de compasión / sangre de ungüentos
resentimientos inmisericordes
ojos de exilio que besaron pechos

³ Este poema chama –se “El Olvido” e faz parte do Livro Yesterday y Mañana, de Mario Benedetti. Disponível em: <<http://asonante.blogspot.com/2009/05/mario-benedetti.html>> Acesso em: 30 set.2009.

hay quienes imaginan el olvido
como un depósito desierto / una
cosecha de la nada y sin embargo
el olvido está lleno de memoria

Para Mario Benedetti “el pasado es siempre una morada/pero no existe olvido capaz de demolerla” (BENEDETTI, 1998, p. 17) e, uma vez abertas as comportas da memória, a verdade salta e não pode ser contida e tudo o que estava encoberto vem à luz:

(...)
el día o la noche en que el olvido estalle
salte en pedazos o crepita /
los recuerdos atroces y de maravilla
quebrarán los barrotes de fuego
arrastrarán por fin la verdad por el mundo
y esa verdad será que no hay olvido
(BENEDETTI , 1998, p.13)

Para o poeta “todo se hunde em la niebla del olvido/pero cuando la niebla se despeja/el olvido está lleno de memoria” (BENEDETTI, 1998, p. 19), sempre haverá “sentimientos insoportablemente actuales/ que se niegan a morir allá en lo oscuro” (BENEDETTI, 1998, p. 13). Enganam-se os ditadores, os carrascos, os verdugos, aqueles que “ dan clases de amnesia” (BENEDETTI, 1998, p. 13) que pensam poder apagar seus crimes e atrocidades. O passado e “la sangre de ayer”, que mancha as mãos dos torturadores, não serão esquecidos:

No olvidadizos sino olvidadores

he aquí que también llegan
entre otras herrumbradas circunstancias
la degeneración / las taras del olvido
la falsa amnesia de los despiadadoses
ilusión de estos olvidadores

que los otros las otras los otritos
no sigan recordando su vilezaperoson fantasías sin futuro ni magia
si la sangre de ayer alcanzó a MacBeth
cómo no va a alcanzar a estos verdugos
de pacotilla y pesadilla
(...)
(BENEDETTI, 1998, p. 17)

3 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que se a história oficial – a versão dos dominadores – constrói, pelo esquecimento e ocultação das barbáries, uma memória histórica coletiva que dá sustentação ao seu discurso – que canta a glória dos heróis nacionais e marca os feriados comemorativos de datas importantes, selecionados cuidadosamente para compor a identidade nacional; a história oculta – a versão dos oprimidos – é construída por meio da memória individual, pelo testemunho daqueles que vivenciaram às barbáries e sobreviveram para contar o trauma. Estes por sua vez constroem uma memória coletiva do

que viveram e aquilo que contam nem sempre aconteceu como de fato narram – embora, não se possa negar que guardem coerência com a experiência vivida – pois, sempre existirão situações que, por serem muito dolorosas e dramáticas, resistem à representação.

Portanto, literatura e história se entrelaçam com fios produzidos pela memória. A literatura está além de ser mera representação da realidade, ela é também reflexão sobre essa realidade. Embora, a literatura não tenha status ou valor de documento histórico, não se pode negar que ela apresenta elementos que são calcados em um tempo e espaço históricos e pode veicular ideologias tanto de direita quanto de esquerda. Pode estar tanto a serviço da versão histórica oficial, quanto desnudar a versão escondida da história. A primeira tem por esteio o esquecimento e o silêncio; segunda, a rememoração dos fatos e a voz que foi calada e que teima em se fazer ouvir.

O fato é que a literatura é um meio que dá voz aos testemunhos e re-cria o “real”. Todavia, não se deve perder de vista que “o testemunho não deve ser confundido nem com gênero autobiográfico nem com a historiografia – ele apresenta uma outra voz, um “canto” – ou lamento – paralelo” que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2002, p.150).

O próprio Mario Benedetti assim se posiciona acerca desse fazer poético que ultrapassa o real e inventa uma outra realidade: “La poesía no es un filtro de las cosas/ ni un raro sortilegio ni un consejo rotundo/ (...) /en cambio lo que es imprime su señal/ y en el nuevo paisaje que propone el artista/ la poesía asume su invento de lo real” (BENEDETTI, 1998, p.100).

Essa realidade feita de situações cotidianas, porém, modificada pela linguagem poética, é a substância dessa poesia. Antes mesmo dos poemas do período do exílio e do “desexílio”, os acontecimentos sociais e políticos já estavam presentes na obra do poeta. Entretanto, não se trata de uma poesia “engajada” de natureza panfletária, mas de um discurso em que o poeta extravasa sua descrença até mesmo em Deus,

(...)
En el principio era el verbo
y el verbo no era dios.
(...)
(BENEDETTI, 2008, p.121)

(...)
y nada más
porque el cielo ya está de nuevo torvo
y sin estrellas
con helicóptero y sin dios.
(BENEDETTI, 2008, p.128)

sua raiva, seu pesar ou sua vergonha – esta última é recorrente em seus poemas - diante do que acontecia naquele Uruguai assolado pela ditadura, onde, em “otros tiempos”, Montevideu “era una linda ciudad proviciana” que chegou a ser comparada com a Suíça e Costa Rica (BENEDETTI, 2008, p. 194). Nestes tempos de barbárie, diz o poeta que “una cosa es morir de dolor/ y otra cosas morir de verguenza” (BENEDETTI, 2008, p.136).

Mas é também uma poesia profundamente terna, alegre e otimista. Apesar das bárbaries, da espoliação dos governantes, das prisões arbitrárias, torturas, assassinatos e desaparecimentos de pessoas, o poeta acredita em dias melhores, na restauração da democracia e da liberdade:

(...)
cuando los diez tarados mesiánicos de turno
tratan de congregar la obediente asamblea
el pueblo no hace quorum

por eso
porque falta sin aviso
a la convocatoria de los viejos blasfemos
porque toma partido por la historia
y no tiene vergüenza de sus odios
por eso aprendo y dicto mi lección de optimismo
y ocupo mi lugar en la esperanza.
(BENEDETTI, 2008,p.161)

Para finalizar este artigo, transcrevemos o que José Saramago⁴ escreveu no seu blog sobre a morte de Mario Benedetti, que bem ilustra a importância do poeta uruguaio, além de ser uma linda homenagem de reconhecimento de outro grande escritor :

“...morreu Mario Benedetti em Montevideo e o planeta tornou-se pequeno para albergar a emoção das pessoas. De súbito os livros abriram-se e começaram a expandir-se em versos, versos de despedida, versos de militância, versos de amor, as constantes da vida de Benedetti, junto à sua pátria, aos seus amigos, ao futebol e alguns boliches de trago largo e noites mais largas ainda.

Morreu Benedetti, esse poeta que soube fazer-nos viver os nossos momentos mais íntimos e as nossas raivas menos ocultas (...).”

ABSTRACT

This article looks for pointing to point out, in the Uruguayan writer Mario Benedetti's poetry, how literature, history and memory are intertwined in the allegorical writing of social and political facts that took place in Uruguay during the dictatorship period (1973-1985).

Keywords: Literature; History; Memory; Walter Benjamin; Mario Benedetti.

⁴ Texto disponível em: <<http://caderno.josesaramago.org/2009/05/19/poetas-e-poesia/>> Acesso em: 30 set.2009.

Referências Bibliográficas

BENEDETTI, Mário. Antologia Poética. Madrid: Alianza Editorial, 2008

_____. Poemas de otros. Madrid: Visor, 1984.

_____. La casa y el ladrillo. Madrid: Visor, 2000.

_____. El Olvido está Lleno de Memórias. Buenos Aires: Compañía Editora Espasa Calpe Argentina/Seix Barral, 1998.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo. In: Obras Escolhidas, v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.

COMEMELIN.P. Nova Mitologia Grega e Romana. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda.1983.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores da Escrivantina. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. Revista Pro-Posições. Unicamp, São Paulo, vol.13, N.3 (39), set./dez.2002.